



CINEMA PARADISO

Boletim n. 352

São Paulo, 18 de fevereiro de 2014



Próxima Reunião: 23/02/2014 - Domingo às 16 h

ELA (HER)

Direção de Spike Jonze (*)

(*) Seu nome real é Adam Spiegel, nascido em 22/10/1969, em Rockyville, Maryland, EUA. É ator, produtor, coreógrafo e diretor. Realizou inúmeros cliques musicais e filmes para cinema e TV. Tornou-se conhecido quando dirigiu **Quero ser John Malkovich** (1999) e **Adaptação** (2002), ambos roteirizados por Charlie Kaufman e que renderam excelente discussão em nosso grupo. Realizou também **Onde vivem os Monstros** (2009). Jonze escreveu e dirigiu **Ela** (*Her*, 2013) que ganhou o Globo de Ouro de melhor roteiro e recebeu 5 indicações ao Oscar.

PHILOMENA – drama conduzido com elegância

Muitos amigos sabem que leio o mínimo possível sobre um filme, antes de entrar no cinema. Mas como saber se não estarei desperdiçando o valor do ingresso? Alguns elementos, pra mim, são suficientes pra garantir a escolha do filme. Um deles é a informação sobre a trajetória do diretor, como é o caso do experiente e sensível Stephen Frears que realizou, entre muitos outros, **Ligações Perigosas** (1988), **Alta Fidelidade** (2000) e **A Rainha** (2006). Podemos até achar que um determinado filme não é o melhor daquele diretor, mas, por sua obra, sabemos que ele não brinca em serviço. É o caso de **Philomena**, dirigido por Frears, que estreou na sexta, dia 14/02, aqui em São Paulo. No elenco, a gloriosa Judi Dench que se consagrou no teatro, depois TV e foi para o cinema aos 50 anos, ganhando inúmeros prêmios por onde passou (inclusive o Oscar por seus 8 minutos de cena em **Shakespeare Apaixonado**, em 1998). Contracenando com essa grande atriz, outro ator inglês – Steve Coogan, que é mais conhecido por comédias. Coogan também adaptou o roteiro com Jeff Pope do livro *The Lost Child of Philomena Lee*, do jornalista Martin Sismith, a quem ele interpreta.

A história é real e absolutamente dramática, no entanto, a direção pega leve, é elegante, colocando doçura e humor no relacionamento entre os dois personagens principais. Achei a reconstrução de época belíssima, nas cenas de lembranças de Philomena adolescente.

Na minha opinião, os pontos fortes do filme são a interpretação dos atores e o roteiro (o filme já ganhou como o melhor roteiro no Festival de Veneza). Não à toa, teve quatro indicações ao Oscar: melhor filme, melhor atriz (Judi Dench), melhor trilha sonora e melhor roteiro adaptado. Sobre a interpretação de Dench, não há muito o que

falar: é espetacular! Dizer isso é chover no molhado.

Quero falar um pouco mais do roteiro que me chamou muito a atenção, porque, embora o filme seja convencional, o roteiro é surpreendente, nos leva



a caminhos que não esperávamos. A condução da narrativa vai delicadamente costurando muitos tecidos. Além dos fatos dramáticos da busca de Philomena pelo filho (desculpem, mas essa informação está todas



as sinopses), existe a amizade entre os protagonistas, construída com humor e respeito, já que eles vêm de mundos muito diferentes. Outra dimensão é o dilema do jornalista, que entra na história por interesse profissional, mas se aflige com a grande chance de seu livro (sobre o drama de Philomena) tornar-se piegas e/ou antiético. Possivelmente, esse foi um dilema que Stephen Frears viveu, pois a chance dessa história resvalar num melodrama era bem alta. E há, ainda, a crítica contundente à Igreja Católica Irlandesa e uma belíssima discussão sobre a religiosidade de Philomena, que não se confunde com a instituição e faz contraponto ao ceticismo do jornalista.

Ao contrário do que li em algumas críticas, não achei o filme maniqueísta, mas, sim, crítico e profundamente humanista. A crítica à Igreja católica é inevitável, pois a denúncia que a história trata é bastante grave. Li que a verdadeira Philomena Lee foi ao encontro do Papa Francisco, acompanhada por sua filha e pelo ator Steve Coogan. Philomena Lee afirmou acreditar que a Igreja pode reparar seus erros passados. Ela, que está com 80 anos, está à frente do “Philomena Project”, que procura ajudar outras mães a encontrarem seus filhos e que luta para que o governo irlandês promulgue uma lei que permita a consulta dos registros de crianças adotadas. Lee tem esperanças que o Papa possa ajudá-las nessa luta. O cineasta Stephen Frears ironizou, em Veneza, que gostaria muito que o Papa visse o filme, que isso iria lhe fazer muito bem. Pouco depois, um porta-voz do Vaticano informou que o Papa não vê filmes. Que pena...

Cláudia Mogadouro

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma / Marcos Paulino
E-mail: janetepalma@gmail.com

RELATO DE UM REENCONTRO

Atendendo a um convite de Cláudia, fui ao Memorial da América Latina assistir ao documentário **Repare Bem**, dirigido pela atriz e cineasta portuguesa Maria de Medeiros, seguido de debate com a presença de Denise Crispim, personagem central da filmagem. O documentário traz a história de vida de três gerações de mulheres – a avó Encarnação, sua filha Denise e sua neta Eduarda – fortemente marcadas pela ditadura militar no Brasil.

Encarnação foi tecelã e militante comunista mesmo antes do golpe militar de 1964, durante a efervescência política que acirrava a luta de classes e criava a consciência de que todos podiam ter seus direitos assegurados. Foi nesse clima que os militares brasileiros, com a ajuda do governo americano, instalaram a ditadura, com o objetivo de deter o avanço das ideias socialistas.

Denise, ainda adolescente, participou da luta clandestina contra o regime de força vigente no país, onde não havia possibilidade de oposição livre. Seu pai, José Maria Crispim, deputado federal pelo Partido Comunista, estava exilado na Itália. Sua mãe, Encarnação, estava presa e seu irmão tinha sido assassinado pela repressão.

Eduarda, filha de Denise, nasceu em plena ditadura militar, enquanto sua mãe estava presa e seu pai, após torturas cruéis, acabara de ser assassinado pelos militares. É comovente ouvi-la falar, no documentário, da dor de não ter conhecido seu pai e de ele nunca a ter pegado no colo. Isso foi o que mais me tocou durante a exibição: a dolorosa resignação diante de uma realidade irreversível. Sua orfandade não foi por causas naturais ou pelo abandono paterno, mas lhe foi imposta por um governo que se achava no direito de decidir o destino e a vida das pessoas. Foi-lhe roubado o direito de desfrutar da convivência e do amor de seu pai. Essa ausência jamais será preenchida ou reparada.

Como em todo documentário, os depoimentos, por serem feitos por pessoas reais e sobre fatos reais, têm grande força de envolvimento. Mas para mim, o **Repare Bem** teve um impacto muito especial, não só por tratar de uma época que vivi intensamente e por ter como figura principal alguém que conhecera naquele período, mas principalmente por poder encontrá-la pessoalmente. O que eu conhecia de Denise era sobre o período em que partilhámos uma cela do DOI-CODI, nos idos de 1970. Eu só sabia seu nome, de quem era filha e que estava grávida do Bacuri (Eduardo Leite), líder revolucionário caçado pelos militares. Depois que saí da prisão soube, pelos jornais, que havia dado à luz prematuramente a uma menina e que Bacuri havia sido morto pela repressão. Soube, também, que se exilara na embaixada do Chile, indo depois para a Itália, onde vivia. Passaram-se os anos, mas eu nunca me esqueci de seu rosto, do quanto sofrera naquela prisão medonha. Sempre me perguntava como ela estaria, ela e sua menina. Achei que nunca mais a veria, até que há mais ou menos dois anos, um amigo me informou que na Câmara dos Vereadores de SP haveria uma cerimônia em homenagem ao Bacuri e que Denise viria da Itália para representá-lo. Foi lá que, depois de mais de 40 anos, nos reencontramos, que nos abraçamos, e choramos juntas, com o desespero de quem encontra o que achava estar perdido. Foi uma experiência muito relevante pra mim e creio que pra ela também. Como o foco da cerimônia era a história do Bacuri, continuei sem saber muita coisa sobre Denise, mesmo porquê ela logo voltou para a Itália.

Foi no Memorial (bem significativo o nome do local!) que senti mais intensamente o reencontro com Denise. Eu estava diante da história de vida daquela menina sobre quem eu nunca deixei de pensar e, principalmente, diante dela, agora uma mulher em carne e osso e dor e coragem. Abraçar Denise foi reencontrar um pedaço de meu passado aparentemente enterrado. Naquele momento senti a força do elo que nos unia. O fato de termos vivido momentos tão dramáticos juntas, criara raízes profundas em nós. Até então eu não tinha me dado conta da força desse vínculo.

A vivência de uma prisão é, sem dúvida bem marcante. Mas a vivência de uma prisão política tem características peculiares: não se recebe visitas, não se pode informar aos familiares que se está sendo levado à prisão, não se tem direito a um advogado. É saber que se está nas mãos e no humor de algozes que têm o poder de decidir se a sua vida deve ou não continuar a ser vivida. A perda de todos os direitos humanos torna a prisão política algo mais terrível do que a própria prisão. Cria-se um sentimento de impotência, de aniquilamento de esperanças, de falta de perspectiva, de abandono total. É difícil descrever como isso é

vivido. Não ter direito a qualquer defesa e não ter a quem recorrer é uma das maiores torturas, que fica em nós como uma tatuagem indelével. Eu me recordo que na prisão me vinha à mente um trecho de um poema de Rilke (em *Elegias do Duino*) que diz:

“Quem, se eu gritasse, entre as legiões dos Anjos
me ouviria?

(...) E eu me contenho, pois, e reprimo o apelo
do meu soluço obscuro.

Ai, quem nos poderia valer?
Nem anjos, nem homens...”

O tempo passa, a gente refaz a vida e se refaz, e até pode falar sobre o passado como algo longínquo... Mas, o que veio à tona no meu encontro com Denise não foi apenas uma lembrança e sim quase uma revivescência, não só daquela prisão (e de outras prisões), mas da experiência de desamparo, da fragilidade a que fomos expostas. Nosso choro era a expressão de nossa vulnerabilidade, dos nossos medos e inseguranças. Chorávamos também por nossos mortos, por nossos sonhos perdidos, por nossa juventude passada. Nosso choro não era de alegria nem de tristeza, mas era o choro de duas sobreviventes.

Nos dias seguintes àquele encontro, eu, de vez em quando, chorava sozinha, como se estivesse acertando contas com meu passado, expiando a dor de viver, de ter tentado mudar o mundo apesar dos riscos. É como se eu tivesse sido jogada de novo naquela realidade, só que agora acrescida das dores das perdas sofridas, do desencanto dos sonhos perdidos, da constatação de que a vida passou depressa... É um processo de luto que não acabou.

Por outro lado temos a gratificação de saber que tudo valeu a pena: hoje vivemos numa democracia, apesar de todas as suas imperfeições. E até podemos denunciar o legado da ditadura no Brasil manifesto nos presídios, quando os presos são pobres e negros, submetidos a torturas físicas e morais, sem advogados que os defendam até quando continuam presos apesar do cumprimento das penas.

“Nossa alma é do tamanho do nosso sonho”. Não sei quem disse isso, mas esta frase me ocorreu agora.

Rianete Lopes Botelho

COTAÇÃO 2014

<i>O Menino e o Mundo</i>	9,50
<i>A Grande Beleza</i>	8,93
<i>Pais e Filhos</i>	8,52

FUNDO FINANCEIRO DO GRUPO CINEMA PARADISO

A doação voluntária, para as despesas anuais pode ser feita em qualquer valor, mas pedimos que, ao depositar, nos avise no e-mail:

estherstiel12@gmail.com A conta de poupança é:

Banco: Caixa (104), ag. 0239, op. 013, nº da conta 8247-5